



PÛRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

SRI AUROBINDO

PARTE I - CAPÍTULO I

AS QUATRO AJUDAS (III)

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

O caminho mais seguro para essa realização integral é nos abirmos constantemente ao Poder divino, que é também a Sabedoria e o Amor divinos, e nos confiar a ele para efetuar essa conversão. Mas é difícil para a consciência egoística fazer isso no começo, é difícil, primeiro, porque nossos pensamentos, sensações e sentimentos são em geral egoístas e bloqueiam as passagens pelas quais poderíamos chegar à percepção necessária. Em seguida, é difícil porque a fé, a entrega, a coragem requerida para seguir esse caminho não são fáceis para a alma nublada pelo ego.

A maneira como o Divino trabalha não é a maneira como a mente egoísta deseja ou aprova. O ego não vê para onde é conduzido, revolta-se contra o guia, perde a confiança, perde a coragem. Embora seja difícil ao ser humano acreditar em algo invisível dentro de si, é fácil para ele acreditar em algo que possa imaginar fora de si mesmo. O progresso espiritual da maioria dos indivíduos exige um suporte externo, um objeto de fé fora deles mesmos. Necessita uma imagem exterior ou um representante humano de Deus: Encarnação, Profeta ou Guru.

De acordo com a necessidade da alma humana, o Divino se manifesta sob forma de um deus de um homem divino ou de um simples humano – e serve-se desse disfarce espesso, que tão bem esconde a Divindade, como um meio para transmitir sua guiança.

Quase todas as religiões têm como base uma dessas formas, um desses nomes do Divino, ou fazem uso deles. Sua necessidade para a alma humana é evidente. Deus é o Todo e mais que o Todo. Mas aquilo que é mais que o Todo, como o ser humano pode concebê-lo? E mesmo o Todo é muito difícil para ele [para o ser humano compreende], porque ele mesmo é uma formação limitada e só pode abrir-se àquilo que está em harmonia com a sua natureza limitada. Há, no Todo, coisas muito difíceis para sua compreensão.

O ser humano não pode conceber, não pode aproximar-se, reconhecer como Divino algo que está muito fora do círculo de suas concepções ignorantes e parciais. Ele necessita conceber Deus à sua própria imagem, do contrário, seria difícil para o ser humano entrar em contato e comunhão com o Divino.

Ainda assim, sua natureza pede um intermediário humano a fim de poder sentir o Divino em algo inteiramente próximo de sua própria humanidade. Esse pedido é satisfeito pela manifestação do Divino em uma aparência humana: a Encarnação, o Avatar – Krishna, o Cristo, o Buda. Ou, se isso é ainda muito difícil de conceber, o Divino representa a si mesmo por um intermediário menos maravilhoso: o Profeta ou o Instrutor. Mas isso tampouco é suficiente; uma influência e exemplos vivos, um ensinamento direto, são necessários.

A disciplina hindu satisfaz também essa necessidade, com relação entre guru e discípulo. O guru algumas vezes pode ser uma Encarnação ou um grande Instrutor; mas é suficiente que represente para o discípulo a sabedoria divina, que lhe transmita alguma coisa do ideal divino ou o faça sentir a relação vívida da alma humana com o Eterno.

O sadhaka do Ioga Integral utilizará todas essas ajudas conforme sua natureza; mas é necessário que evite suas limitações e rejeite a tendência exclusiva da mente egoísta que

proclama: “Meu Deus, minha Encarnação, meu Profeta, meu Guru e os opõe a todas as outras realizações, em um espírito sectário ou fanático. Todo sectarismo, todo fanatismo, deve ser rejeitado, pois é incompatível com a inteireza da realização divina.

Tampouco ele deve esquecer que o objetivo dessas ajudas externas é despertar sua alma ao Divino dentro dele. Nada foi realizado se, no final, isso não for realizado. Não basta adorar Krishna, o Cristo, ou o Buda em uma forma exterior, se o Buda, o Cristo ou Krishna não se revelarem e se formarem em nós. E todas as outras ajudas, do mesmo modo, não tem outro propósito; cada uma é uma ponte entre o estado do ser humano não convertido e a revelação do Divino que está nele.

O Instrutor do Ioga Integral seguirá, tanto quanto puder, o método do Instrutor interior. Conduzirá o discípulo conforme a própria natureza do discípulo. Ensino, exemplo, influência, esses são os três instrumentos do guru. Mas o instrutor sábio não tentará se impor ou impor suas opiniões à aceitação passiva de uma mente receptiva.

Visará despertar, mais que instruir; buscará desenvolver as faculdades e experiências por um processo natural e uma expansão livre. Seu único papel é despertar a luz divina e pôr em atividade a força divina da qual ele mesmo é só um meio e uma ajuda, um corpo ou um canal.

O exemplo é mais poderoso do que o ensino; mas não é o exemplo do ato externo nem do caráter pessoal que têm mais importância. Esses têm seu lugar e sua utilidade, mas o que mais estimulará a aspiração nos outros é o fato central da realização divina no Instrutor, a governar sua vida inteira, seu estado interior e todas as suas atividades.

É essa realização dinâmica que o sadhaka deve sentir e reproduzir em si mesmo, conforme sua natureza própria; ele não precisa se esforçar para imitar exteriormente o Mestre, o que poderia ser muito mais esterilizante do que produtor de frutos verdadeiros e naturais.

A influência é mais importante que o exemplo. A influência não é a autoridade exterior do Instrutor sobre seu discípulo, mas o poder de seu contato, de sua presença; é o fato de que sua alma está próxima da alma de um outro, na qual ele infunde, mesmo em silêncio, aquilo que ele mesmo é e possui. Esse é o sinal supremo do Mestre. Pois o maior Mestre é muito menos um instrutor que uma Presença, que verte a consciência divina e a luz, poder, pureza e beatitude que a constituem, em todos aqueles ao seu redor que forem receptivos.

E também um sinal do Instrutor do Ioga Integral é que ele não se atribuirá o título de Guru em um espírito de vaidade humana e autoglorificação. Seu trabalho, se ele tem um trabalho, lhe é confiado do alto, ele mesmo um canal, um receptáculo, um representante. Ele é um ser humano que ajuda seus irmãos, uma criança conduzindo crianças, uma Luz que acende outras luzes, uma Alma desperta que desperta outras almas, e, em seu ponto mais alto, um Poder ou uma Presença divina chamando a si outros poderes do Divino.

O sadhaka que possui todas essas ajudas estará seguro de seu objetivo. Mesmo uma queda será para ele apenas um meio de ascensão, e a morte uma passagem em direção à realização. Pois uma vez no caminho, nascimento e morte tornam-se apenas processos no desenvolvimento de seu ser e etapas de sua jornada.

Tempo é a última ajuda necessária à eficácia do processo. O Tempo se apresenta ao esforço humano como um inimigo ou como um amigo, como uma resistência, um meio ou um instrumento. Mas sempre é, verdadeiramente, o instrumento da alma.

Para o ego ele [o tempo] é um tirano ou uma resistência, para o Divino, um instrumento. Enquanto nosso esforço for pessoal, o Tempo se apresentará como uma resistência, quando o trabalho do Divino e o trabalho pessoal forem combinados em nossa consciência, ele se apresentará como um meio e uma condição. Quando ambos se tornarem um, ele se apresentará como um servidor e um instrumento.

A atitude ideal do sadhaka em relação ao Tempo é ter uma paciência sem fim, como se tivesse toda a eternidade diante de si para alcançar seu objetivo e, contudo, desenvolver a energia que realiza tudo agora, com uma maestria sempre maior e uma pressão cada vez mais rápida, até que essa pressão alcance a instantaneidade miraculosa da Transformação divina suprema.